

SEVEN

EDITORIA
2026

A MENTE ALÉM DO LATTES: ECONOMIA DA FELICIDADE E SAÚDE MENTAL NA VIDA ACADÊMICA

PUBLICAR
PRODUTIVIDADE
ÍNDICES
METAS
AVALIAÇÕES
COMPETIÇÃO
PRESSÃO
ESGOTAMENTO

PRazos
BOLSAS
RELATÓRIOS
COBRANÇAS

JOYCE SANTANA BERNARDO, FERNANDA MARIA DE ALMEIDA, LUCAS SÉRGIO NOGUEIRA,
THATIANE CRISTINA FIALHO BOTELHO, THAÍS DE SOUZA LIMA PONTES, MARCELO DOS
SANTOS TEIXEIRA, ANDRÉ LUÍS SILVA FRUTUOSO, FERNANDO HENRIQUE MARINHO

PROPÓSITO
IMPACTO SOCIAL
COLABORAÇÃO
SAÚDE MENTAL
BEM-ESTAR
CONHECIMENTO

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTORES DO LIVRO

Joyce Santana Bernardo
Fernanda Maria de Almeida
Lucas Sérgio Nogueira
Thatiane Cristina Fialho Botelho
Thaís de Souza Lima Pontes
Marcelo dos Santos Teixeira
André Luís Silva Frutuoso
Fernando Henrique Marinho

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

CONSELHO EDITORIAL

EDITORA CHEFE

Prof. Me. Isabele de Souza Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Barni Truccolo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Adriana Barretta Almeida - Universidade Federal do Paraná
Alessandre Gomes de Lima - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto
Anderson Nunes da Silva - Universidade Federal do Norte do Tocantins
Antonio da Costa Cardoso Neto - Universidade de Flores, Buenos Aires
Antônio Alves de Fontes-Júnior - Universidade Cruzeiro do Sul
Ariane Fernandes da Conceição - Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Arnaldo Oliveira Souza Júnior - Universidade Federal do Piauí, CEAD
Caio Vinicius Efigenio Formiga - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Charles Henrique Andrade de Oliveira - Universidade de Pernambuco
Egas José Armando - Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
Inaldo Kley do Nascimento Moraes - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Irlane Maia de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso
Janyel Trevisol - Universidade Federal de Santa Maria
Jorge Fernando Silva de Menezes - Universidade de Aveiro
Jorge Luís Pereira Cavalcante - Fundação Universitária Iberoamericana
Kleber Farinazo Borges - Universidade de Brasília
Luiz Gonzaga Lapa Junior - Universidade de Brasília
Mara Lucia da Silva Ribeiro - Universidade Federal de São Paulo
Marcelo Silva de Carvalho - Universidade Federal de Alfenas
Marcos Garcia Costa Morais - Universidade Estadual da Paraíba
Maria Gorete Valus - Universidade Estadual de Campinas
Mônica Maria de Almeida Brainer - Instituto Federal de Goiás, Campus Ceres
Moacir Silva de Castro - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Paulo Roberto Duailibe Monteiro - Universidade Federal Fluminense
Pedro Henrique Ferreira Marçal - Universidade Vale do Rio Doce
Rafael Braga Esteves - Universidade de São Paulo
Telma Regina Stroparo - Universidade Estadual de Ponta Grossa
Valéria Raquel Alcantara Barbosa - Fundação Oswaldo Cruz
Wanderson Santos de Farias - Universidade do Desenvolvimento Sustentável
Yuni Saputri M.A - Universidade Nalanda, Índia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M549

A Mente Além do Lattes [recurso eletrônico] : Economia da Felicidade e Saúde Mental na Vida Acadêmica / Joyce Santana Bernardo ... [et al.]. – São José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2026.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6109-403-0

1. Felicidade acadêmica. 2. Saúde e bem-estar.
3. Psicologia. I. Bernardo, Joyce Santana. II. Almeida, Fernanda Maria de. III. Nogueira, Lucas Sérgio. IV. Botelho, Thatiane Cristina Fialho. V. Título.

CDU 159.9

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Psicologia 159.9

DOI: 10.56238/livrosindi202685-001

Seven Publications Company
CNPJ: 43.789.355/0001-14
editora@sevenevents.com.br
São José dos Pinhais/PR

AUTORES

Joyce Santana Bernardo

Fernanda Maria de Almeida

Lucas Sérgio Nogueira

Thatiane Cristina Fialho Botelho

Thaís de Souza Lima Pontes

Marcelo dos Santos Teixeira

André Luís Silva Frutuoso

Fernando Henrique Marinho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	6
A FELICIDADE EM TEMPOS DE PRODUTIVIDADE	
CAPÍTULO 2.....	9
A ECONOMIA DA FELICIDADE NAS ENGRENAGENS DA ACADEMIA	
CAPÍTULO 3.....	17
A ARQUITETURA DO BEM-ESTAR NA ACADEMIA: UMA ANÁLISE CONCEITUAL	
CAPÍTULO 4.....	19
A FRICÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E A MÉTICA INDUSTRIAL	
CAPÍTULO 5.....	21
POR UMA CIÊNCIA COM SENTIDO: O FUTURO DA VIDA ACADÊMICA	
REFERÊNCIAS.....	24

CAPÍTULO 1: **A FELICIDADE EM TEMPOS DE PRODUTIVIDADE**

A busca pela felicidade é, indiscutivelmente, uma das inquietações mais perenes e universais da experiência humana, configurando-se como uma preocupação básica do indivíduo (ZUCCO, 2010). Longe de ser um tema confinado ao subjetivismo abstrato, ela se manifesta como um fenômeno multifacetado, capaz de guiar o desenvolvimento humano em suas mais diversas dimensões e, por consequência, moldar as estruturas da sociedade. Por sua natureza complexa, o conceito de felicidade não aceita fronteiras disciplinares rígidas: ele transita livremente e fertiliza campos que vão da filosofia, psicologia e sociologia até encontrar um terreno fértil na ciência econômica.

Historicamente, as lentes econômicas tradicionais tenderam a vincular a definição de felicidade a conceitos tangíveis, como utilidade, maximização do bem-estar individual e níveis de satisfação mensurados pelas relações de renda e consumo (GREVE, 2013; GILEAD, 2012). Contudo, o pensamento contemporâneo passou a questionar severamente se essas medidas tradicionais e puramente financeiras conseguem abarcar os elementos profundos que compõem o bem-estar real (GRAHAM, 2008). É nesse cenário que emergem as investigações no campo da economia comportamental, empenhadas em decifrar as variáveis subjetivas e sociais que verdadeiramente influenciam essa dimensão (EASTERLIN, 1974; FREY; STUTZER, 2000; HOSEN et al., 2003).

Nasceu assim a chamada Economia da Felicidade, uma vertente que combina a sensibilidade das investigações psicológicas com o rigor das ferramentas econométricas (GRAHAM, 2008). Nela, abre-se espaço para uma dimensão objetiva do subjetivo: os indivíduos relatam seus próprios níveis de felicidade, permitindo cruzar esses dados com suas características pessoais e sociais. Obviamente, tais metodologias enfrentam limitações inerentes à própria condição humana, dada a complexidade do assunto e a dificuldade que o próprio sujeito tem ao tentar quantificar ou determinar a sua felicidade (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). Ainda assim, as discussões geradas por essas pesquisas oferecem pistas valiosas.

Quando se observa a literatura empírica sobre o tema, Easterlin (1974) é o pioneiro, cujo principal resultado, chamado de “Paradoxo de Easterlin”, mostrou que o nível de felicidade dos países desenvolvidos, no período Pós Segunda Guerra Mundial, não teve

aumentos significativos mesmo com aumento da renda real (NERY, 2014). A riqueza material, portanto, revelou-se insuficiente para explicar a plenitude humana.

Como estudos mais recentes, Frey e Stutzer (2000) analisaram como as instituições políticas influenciam na felicidade, evidenciando que os políticos buscam atender às preferências dos eleitores, que passam a ter utilidade processual das possibilidades mais amplas de participar diretamente no processo.

Em outra análise, Campetti e Alves (2015) averiguaram os fatores determinantes da felicidade em países da América Latina com base nos dados do *World Values Survey*. Estes são obtidos por meio de questionários e abarcam questões individuais, econômicas, aspectos religiosos, sociais e éticos, além da felicidade e satisfação com a vida. Os achados indicaram que pessoas empregadas, com bom estado de saúde e que sentem mais liberdade pessoal são mais felizes.

Embora o entendimento da felicidade venha ganhando espaço na literatura internacional como peça-chave para a identificação e solução de problemas na esfera pública e no desenvolvimento socioeconômico (YUAN; GOLPELWAR, 2012; LAM; LIU, 2013; HANCOCK, 2013), análises voltadas a segmentos específicos da sociedade ainda se mostravam incipientes. Sentia-se a falta de investigações que considerassem ao menos uma paridade de condições entre as pessoas analisadas.

Dessa forma, quando se trata da felicidade de indivíduos, sobretudo quando são consideradas atividades de trabalho e de treinamento profissional, pode-se destacar o ambiente das Instituições de Ensino Superior (IES). Elas são organizações voltadas para o desenvolvimento do capital humano, por meio da oferta de cursos que visam à profissionalização individual. Logo, o papel das IES pode ser compreendido como dinamizador do desenvolvimento socioeconômico, por meio da formação de capital humano com potencial de elaborar melhorias para a sociedade (FAVA-DE-MORAES, 2000; GOEBEL; MIURA, 2004).

No entanto, a vida intramuros dessas instituições abriga uma engrenagem complexa. Composta por um grande número de técnicos, professores e estudantes, a rotina acadêmica gira em torno do tripé ensino, pesquisa e extensão, cujos resultados se refletem na publicação de artigos científicos. Trata-se de atividades baseadas em estritas metas de qualidade, que demandam grandes esforços intelectuais, sociais e econômicos, historicamente financiadas por agências de fomento como a CAPES e o CNPq.

Relacionando felicidade e produção em organizações privadas, Coutinho (2014) analisou as implicações da felicidade dos funcionários em si e no valor da empresa, considerando também se o mercado a tem como fonte de vantagem competitiva. Com as informações obtidas por 130 colaboradores de várias empresas, concluiu que o ambiente de trabalho, o reconhecimento e confiança e a remuneração são as dimensões que mais influenciam a felicidade no labor. De modo congênere, Cunha (2015) verificou o impacto da felicidade na performance/produtividade nas empresas. A principal conclusão foi a de que uma organização que se preocupa com a felicidade dos funcionários possui vantagem competitiva e de produtividade em relação àquelas que não se atentam a este aspecto.

Assim, torna-se oportuno questionar: cabe a pergunta: como essa dinâmica opera no topo da pirâmide intelectual da nossa sociedade? Portanto, este livro nasce do desejo de explorar esse território de forma teórica e reflexiva. Nosso propósito é propor um debate profundo sobre as interações entre os níveis de felicidade de docentes e pós-graduandos em instituições de ensino superior e a sua respectiva produção acadêmica, compreendida aqui como um fator potencial de impacto socioeconômico.

A realização deste trabalho pauta-se na premissa de que, como acadêmicos partilham de certa legitimação perante a sociedade, os estudos realizados devem atentar-se para retribuir alguma produção capaz de atender aos anseios dos cidadãos e das organizações públicas e/ou privadas. Pressupõe que autores que possuem motivação e felicidade, incentivarão e produzirão projetos com perspectivas positivas voltadas ao aspecto socioeconômico, com maior grau de engajamento na busca por desenvolvimento e soluções de problemas sociais e econômicos, especialmente os mais desafiadores.

CAPÍTULO 2: A ECONOMIA DA FELICIDADE NAS ENGRENAGENS DA ACADEMIA

2.1 O BEM-ESTAR SOB O OLHAR ECONÔMICO: ENTRE ASPIRAÇÕES E O PARADOXO DA RIQUEZA

A definição da felicidade é complexa, sendo normalmente traduzida como um sentimento dos indivíduos. Na filosofia, o termo tem origem na Grécia antiga, considerando felizes aqueles com o corpo forte, sadio e alma bem evoluída e de sucesso (RODRIGUES; SHIKIDA, 2005). Na visão aristotélica, é relacionada ao bem-estar individual, a *eudaimonia*, sendo algo oferecido pelos deuses (MICHALOS, 2007). Ou ainda, remete a como as pessoas vivem, independentemente das circunstâncias (CRESPO; MESURADO, 2015).

Quando transita para o campo da ciência econômica, o conceito é voltado à maximização da satisfação ou da utilidade individual. O pioneiro nesta temática foi Easterlin (1974), ao analisar os níveis de felicidade e a renda nos Estados Unidos, de 1946 a 1970 - Pós 2ª Guerra Mundial. Ele concluiu que rendas mais elevadas estavam relacionadas com níveis maiores de felicidade. Contudo, com o passar dos anos, ainda que a renda se elevasse, o nível de felicidade manteve constante, sendo esta contradição definida como o “Paradoxo de Easterlin”.

A explicação para esse fenômeno habita o descompasso entre o nível de renda e as aspirações que os indivíduos alimentam ao longo do tempo (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). Em suma, a mente humana opera em um ciclo de novidade e costume: ao conquistar um objetivo financeiro ou material desejado, o indivíduo experimenta uma satisfação imediata. Pouco tempo depois, esse sentimento arrefece, empurrando-o para a busca por novos patamares de consumo para restabelecer o bem-estar anterior. O grande entrave para a felicidade surge justamente quando o ritmo das aspirações pessoais acelera mais rápido do que a capacidade real de geração de renda.

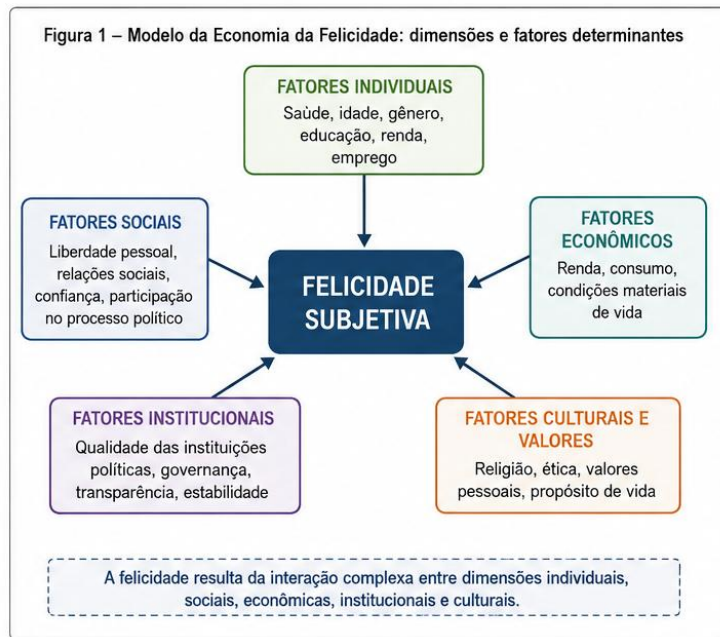
Neste contexto, os estudos realizados sobre esta temática, utilizam dados coletados por meio de *surveys*, que identificam o nível de felicidade ou satisfação geral, além de informações pessoais que tangem os aspectos financeiros, psicológicos e sociais (confiança, segurança, liberdade) e características pessoais (idade, sexo, profissão, estado civil).

Entretanto, há dificuldade de mensurar a felicidade por instrumentos objetivos, por ser dimensão subjetiva da vida (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). Isto ocorre pela ausência de parâmetro comparativo entre os indivíduos, visto que são eles próprios que reportam seu nível de felicidade, que tem condições individuais específicas. Ademais, pessoas com bem-estar elevado, se tiverem vivenciado experiências negativas pouco antes da pesquisa, a felicidade relatada tende a ser mais baixa.

Por isso, Ferrer-i-Carbonell (2013) sugere que sejam analisados os mesmos indivíduos por um lapso temporal para conseguir detectar o que afeta a sua felicidade especificamente. Isto remete também à própria dificuldade do entrevistado em reportar seu nível de felicidade ao colocar em números, em escala ou em figuras que representam expressões faciais. Dada a dificuldade de comparação entre as pessoas, geralmente são utilizadas categorias de análise que não tratam o nível de felicidade diretamente dos indivíduos, mas sim a categoria à qual eles pertencem, sendo esta alocação feita de acordo com notas de corte construídas com base nos valores de média e desvio-padrão da felicidade reportada (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006; HANCOCK, 2013).

A partir desses recortes, a literatura empenha-se em identificar quais variáveis movem a balança do bem-estar. Estudos empíricos seminais apontam a renda como um dos fatores preponderantes (FREY; STUTZER, 2000; CORBI; MENEZES-FILHO, 2006; HANCOCK, 2013). Todavia, essa relação esconde uma via de mão dupla interpretativa: as pessoas são mais felizes porque ganham mais, ou ganham mais exatamente por serem mais felizes?

A literatura contemporânea da Economia da Felicidade demonstra que o bem-estar humano resulta da interação entre múltiplas dimensões econômicas, sociais, institucionais e subjetivas, conforme sintetizado na Figura 1.



Fonte: elaborado pelos autores.

Neste contexto, Michael Como (2011) buscou identificar o quanto a felicidade e o bem estar influenciam na renda de um grupo de indivíduos. Concluíram que indivíduos mais felizes e com bons níveis de autoestima ganham mais dinheiro que os infelizes. Pressupõe que esta seja uma questão bastante relativa, pois deve-se considerar que aqueles que já possuem uma renda alta só terão níveis de felicidade mais elevados se o aumento na renda for considerável. Contudo, aqueles que têm baixas rendas terão efeito maior na felicidade ao elevar a renda, ainda que em escalas menores. A adaptação hedônica é uma explicação para este fato, pois é a visão de que as pessoas são atraídas por bens de consumo e riqueza material (HANCOCK, 2013), e a tendência é a de que os níveis de felicidade voltem ao estágio anterior, ainda que vivenciado momentos positivos ou negativos.

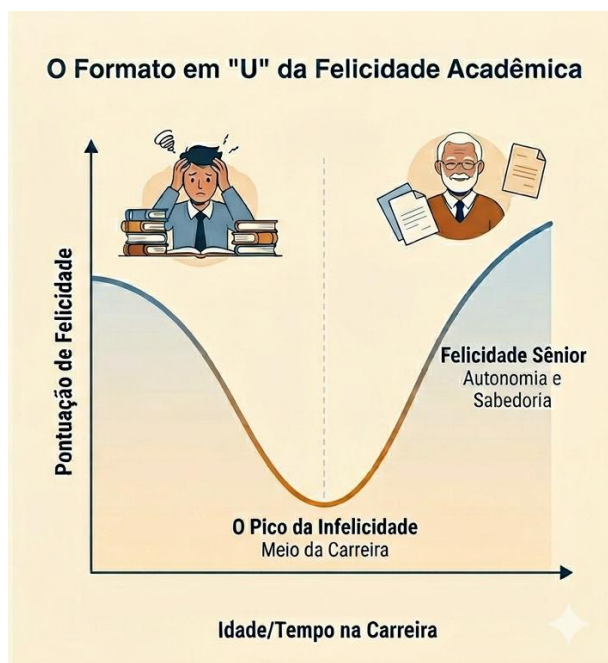
Por conseguinte, o emprego é outro fator importante para explicar os níveis de felicidade pessoais (HANCOCK, 2013). A conclusão neste caso é inversa, indicando que os sujeitos são mais infelizes por não terem compromissos que os motivam diariamente, do que pela redução na renda. A mesma reflexão feita para a renda é cabível para o emprego: o emprego traz a felicidade ou pessoas mais felizes são empregadas? Para Nery (2014, p.14) “pessoas infelizes podem ter uma atuação inferior no mercado de trabalho e essas características indesejáveis poderiam levar ao desemprego”.

A costura do bem-estar pessoal também é influenciada por outras variáveis estruturais. O casamento, por exemplo, atua frequentemente como um redutor do sentimento de solidão (CORBI; MENEZES-FILHO, 2006). saúde física e mental desejável

contribui indiretamente para o bom desempenho profissional e financeiro, além de poupar o orçamento de gastos catastróficos com medicamentos. A segurança pública e social surge como uma condição básica para que o cidadão consiga sequer projetar seu bem-estar futuro (CARVALHO; GONÇALVES; PARDINI, 2010), enquanto a percepção de desfrutar de liberdade política funciona como um catalisador da satisfação com a vida (FREY; STUTZER, 2000; YUAN; GOLPELWAR, 2013; MENDES-DA-SILVA et al., 2013).

Por fim, a idade desenha uma trajetória singular na experiência humana. Os níveis de felicidade não são lineares ao longo dos anos; eles assumem o formato gráfico de uma "letra U", revelando que os indivíduos mais jovens (entre 17 e 30 anos) e os mais idosos experimentam os maiores índices de bem-estar (FREY; STUTZER, 2000).

Em contrapartida, o pico da infelicidade costuma se concentrar na faixa dos 35 aos 44 anos (AYDOS; NETO; TEIXEIRA, 2017). Essa assimetria fundamenta-se nos ciclos da vida: os mais jovens desfrutam de uma fase de construção, ainda sem o peso total das grandes responsabilidades familiares e profissionais. No extremo oposto, os mais velhos muitas vezes já atingiram a aposentadoria, criaram seus filhos e agora possuem tempo, autonomia e recursos para realizar sonhos que antes eram inviabilizados pela escassez de tempo. O meio da vida, portanto, concentra a maior pressão e cobrança social.



Fonte: elaborado pelos autores

2.2 O PRODUTIVISMO ACADÊMICO: A MÉTRICA INDUSTRIAL NO TECIDO CIENTÍFICO

Para compreender como essa engrenagem de bem-estar opera no ambiente universitário, é preciso analisar as profundas transformações estruturais pelas quais passou o ensino superior. À semelhança das organizações industriais, a Administração Pública Gerencial adotou a lógica da avaliação de desempenho baseada em metas rígidas para buscar a eficiência e a eficácia nos processos públicos. As premissas desse modelo miram a qualidade dos serviços prestados ao cidadão, a descentralização de atribuições, a horizontalização das estruturas e o controle estatístico de processos (SEABRA, 2001; PACHECO, 2010).

Para Pink (2009) existem tipos de motivação que afetam a produtividade individual: a 1.0, 2.0 e 3.0. A primeira está ligada a aspectos de sobrevivência como alimentação e moradia. Já a segunda trata das recompensas extrínsecas, sendo comuns as financeiras via aumento da produtividade (PINK, 2009), que compreende a maximização de resultados em termos monetários. Por fim, as atividades que exigem esforços intelectuais precisam da “Motivação 3.0”, cujo incentivo é a própria realização da tarefa, que normalmente não segue padrões de horário e de rotina, e requer certo grau de autonomia e criatividade (PINK, 2009). Como exemplo, nas IES a produção está relacionada com os projetos desenvolvidos por professores e estudantes, que exigem níveis de qualidade, mas também de quantidade para alcançar metas.

Portanto, neste trabalho, a visão adotada de "produtivismo acadêmico" é a da importância excessiva ao número de trabalhos publicados em periódicos e eventos científicos, em vez da atenção quanto à qualidade dos estudos que estão sendo incorporados ao desenvolvimento da ciência, a qual se volta à própria comunidade acadêmica (SGUISSARD, 2010; ALCADIPANI, 2011; DOMINGUES, 2013; ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

Em uma metáfora contundente, o produtivismo transforma a escrita científica em uma esteira de montagem seriada, onde os artigos assemelham-se a peças industriais padronizadas e produzidas em massa (ALCADIPANI, 2011). Esse cenário deriva diretamente de processos agressivos de regulação, controle e avaliação institucional (SGUISSARD, 2010), gerando o risco crônico de que a publicação — o produto final da pesquisa — se transforme em um fim frio em si mesmo, e não em uma consequência natural e madura da produção genuína de conhecimento (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

Esse ciclo é retroalimentado pela busca por prestígio, status no meio acadêmico e pelo desejo das IES de obter reconhecimento internacional e melhores conceitos perante a comunidade científica global.

Os programas de pós-graduação, especialmente, estão em constante processo de avaliação pelas agências de fomento à ciência e tecnologia no Brasil. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma das mais influentes no meio acadêmico, pois é por meio dela que são elaboradas as portarias, com normas a serem seguidas pelos programas. Ademais, a CAPES realiza avaliações dos programas, dos professores e dos discentes a cada quatro anos, nas quais são consideradas as publicações realizadas e declaradas na plataforma mais importante que um acadêmico possui: o currículo Lattes (ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

A obtenção de recursos financeiros — fundamentais para a sobrevivência da pesquisa, como bolsas de iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e verbas de custeio para eventos — está diretamente atrelada ao índice de produtividade quantitativa do docente e do programa. Cria-se, assim, uma distorção: os recursos frequentemente contemplam aqueles pesquisadores que apresentam o perfil métrico mais competitivo e volumoso, e não necessariamente as propostas de pesquisa mais inovadoras ou socialmente relevantes para o país (RODRIGUES, 2011).

Seria intelectualmente desonesto atribuir às métricas acadêmicas apenas efeitos destrutivos. A institucionalização dos sistemas de avaliação foi decisiva para a consolidação da pós-graduação brasileira, ampliando a profissionalização da pesquisa, a internacionalização científica e a transparência no uso dos recursos públicos. Em muitos contextos, a cobrança por produtividade rompeu estruturas historicamente marcadas pelo personalismo, pela baixa eficiência e pela ausência de critérios objetivos de desempenho.

O paradoxo emerge quando os indicadores, originalmente concebidos como instrumentos auxiliares da excelência, passam a ocupar o centro ontológico da vida universitária. Nesse deslocamento, a métrica deixa de servir à produção de conhecimento e passa a determinar simbolicamente o valor existencial do pesquisador. O problema, portanto, talvez não resida na avaliação em si, mas na absolutização da lógica quantitativa como medida única de relevância intelectual.

Outrossim, sabe-se que o efeito do produtivismo acadêmico não pauta apenas nas exigências dos órgãos de fomento à pesquisa, apesar de terem papel relevante, mas também pelas aspirações pessoais e profissionais do indivíduo. Nessa perspectiva, Patrus, Dantas e

Shigaki (2015) apontam algumas considerações favoráveis às normas vigentes, tais como "tornar público o resultado das pesquisas, lutar contra o desperdício de recursos públicos e induzir o desenvolvimento da pesquisa em níveis internacionais" (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015, p.5).

Apesar desses argumentos, as consequências colaterais negativas desse modelo parecem transbordar seus benefícios, afetando severamente a saúde mental e o tecido social da comunidade acadêmica. Multiplicam-se os relatos de sobrecarga de trabalho, aceleração desenfreada do ritmo laboral, disputas profissionais acirradas, pressões asfixiantes por prazos, angústia pela cobrança de metas e um sentimento crônico de desvalorização e falta de integração coletiva (ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

Essa dinâmica resulta na precarização do trabalho docente e no esvaziamento do sentimento de pertença a um coletivo solidário (VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017), culminando no isolamento de comunidades de conhecimento fechadas em si mesmas e desprovidas de uma verdadeira interdisciplinaridade (FREITAS, 2011). Como consequência mais grave, o tempo necessário para a maturação e a reflexão teórica aprofundada é suprimido pela urgência de garantir pontos na próxima avaliação quadrienal (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

2.3 O ELO ENTRE FELICIDADE E PRODUTIVIDADE: EVIDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Na literatura sobre o tema felicidade e produtividade, Oswald, Proto e Sgroi (2015) são uma das referências. Os autores realizaram experimentos com indivíduos para identificar os fatores que contribuem para o aumento da produtividade dos mesmos. Dentre as quatro experiências realizadas, perceberam que em três, aqueles selecionados de forma aleatória foram mais felizes, indicando que os que receberam incentivos positivos de indução de humor obtiveram nível produtivo maior em 12%. Por outro lado, quando a pessoa vive situações de choque, tais como falecimento ou doença familiar, há queda na felicidade e, conseqüentemente, na produtividade. Essas constatações conseguiram ser levantadas de forma clara apenas porque o estudo foi realizado em laboratório, permitindo aos pesquisadores controlar melhor diversas situações, algo difícil de ocorrer na vida real dada a simultaneidade de acontecimentos.

Ademais, os reflexos do bem-estar sobre o desempenho individual projetam-se tanto no curto quanto no longo prazo. Argumenta-se que a indução sistemática de um clima emocional positivo pode gerar retornos sustentáveis a longo prazo (SGROI, 2015). Quando

o ecossistema em que o trabalhador ou pesquisador está inserido responde positivamente ao seu bem-estar, a produtividade cresce de forma orgânica, forçando o próprio ambiente a se adaptar e a abandonar dinâmicas de pressão puramente punitivas. Descortina-se, assim, um horizonte claro para o contexto universitário: proteger a saúde mental e a felicidade do cientista não é um luxo humanitário, mas a estratégia mais inteligente para o próprio avanço da ciência.

CAPÍTULO 3: A ARQUITETURA DO BEM-ESTAR NA ACADEMIA: UMA ANÁLISE CONCEITUAL

3.1 A ILUSÃO DEMOGRÁFICA E A AUTONOMIA DO ECOSISTEMA UNIVERSITÁRIO

Ao discutir os determinantes da felicidade humana, a literatura sociológica e econômica frequentemente isola variáveis demográficas como gênero, arranjos familiares e estado civil como preditores do contentamento individual (SCALCO; ARAÚJO; BASTOS, 2011; CAMPETTI; ALVES, 2015). No entanto, quando esse debate é deslocado para o topo da pirâmide intelectual — o ambiente das Instituições de Ensino Superior —, observa-se um fenômeno de homogeneização existencial.

A pressão institucional por alta performance e a natureza absorvente do trabalho científico parecem atenuar o impacto dessas condicionantes cotidianas (COLETA; LOPES; COLETA, 2012). O ecossistema acadêmico funciona como uma estrutura autopoiética tão centralizadora que as dores e os prazeres do labor intelectual tendem a sobrepujar as distinções demográficas tradicionais.

De forma análoga, o descontentamento com as conjunturas políticas e econômicas macroestruturais — que historicamente corrói a estabilidade psicológica do cidadão comum (GREVE, 2013) — assume um papel ambivalente na psique do pesquisador. Embora a instabilidade macroeconômica afete o financiamento da ciência, o microclima do laboratório, do departamento e da tese cria uma realidade paralela altamente absorvente. O pesquisador habita um espaço onde a validação conceitual e o avanço da fronteira do conhecimento operam como um refúgio ou, em contrapartida, como uma fonte de ansiedade que eclipsa as flutuações do mundo exterior.

3.2 O "PARADOXO DA TITULAÇÃO" E AS DINÂMICAS DE ADAPTAÇÃO HEDÔNICA

No cerne da carreira científica, emerge uma contradição estrutural que podemos denominar como o Paradoxo da Titulação. Sob a ótica do senso comum, o alcance dos patamares máximos de formação acadêmica (o doutorado e o pós-doutorado) deveria representar o ápice do florescimento e da realização pessoal. Contudo, a análise teórica da divisão do trabalho docente revela o oposto: a ascensão na carreira frequentemente atua como um vetor de compressão do bem-estar.

O alcance do título máximo transmuta-se de conquista em cobrança perene. O pesquisador é imediatamente tragado por um acúmulo assimétrico de papéis burocráticos, captação compulsória de recursos, gestão de laboratórios e responsabilidades de orientação na pós-graduação (VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017).

Essa dinâmica dialoga com a teoria da adaptação hedônica, que elucida como os indivíduos retornam rapidamente ao seu nível basal de satisfação após grandes conquistas (HANCOCK, 2013). Na academia, a velocidade com que uma grande vitória intelectual é normalizada e substituída por uma nova meta de fomento impede a consolidação de um bem-estar duradouro.

Essa volatilidade se reflete também na resignificação do fator financeiro. Se na base da pirâmide social a renda atua diretamente na redução do sofrimento e na compra de dignidade, no universo intelectual ela se comporta de maneira distinta. Como apontam Corbi e Menezes-Filho (2006), quando os rendimentos se elevam, as aspirações de status e reconhecimento expandem-se em um ritmo superior à capacidade de satisfação material. A frustração surge quando o nível de aspirações supera a realidade prática. Alinhado ao pensamento de Coutinho (2014) e Hajoj, Frota e Luz (2015), o ganho financeiro na vida acadêmica deixa de ser um motor de felicidade e passa a ser apenas uma condição de contorno — um item indispensável de fundo, mas absolutamente incapaz de pacificar o espírito ou mitigar o desgaste do pesquisador.

CAPÍTULO 4: A FRICÇÃO ENTRE A MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA E A MÉTICA INDUSTRIAL

4.1 O COLAPSO DO SENTIDO NA "FÁBRICA DE SARDINHAS"

A alienação do trabalho, conceito clássico da sociologia, ganha contornos dramáticos no debate sobre o produtivismo acadêmico. Quando as Instituições de Ensino Superior capitulam diante do modelo gerencialista de avaliação quantitativa, o ato de publicar sofre uma mutação ontológica. Ele deixa de ser a culminância natural e madura da produção de conhecimento para se transformar em um fim frio em si mesmo (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015).

A escrita científica assume o caráter mecânico de uma esteira de montagem seriada — a metáfora da "fábrica de sardinhas" proposta por Alcadipani (2011). Escrever exclusivamente para preencher os indexadores e garantir pontuações nas avaliações quadrienais das agências de fomento (como a CAPES) sabota o que Daniel Pink (2009) define como Motivação 3.0.

As tarefas intelectuais complexas e criativas dependem umbilicalmente de um impulso intrínseco, baseado na autonomia e no prazer da descoberta. Quando o sistema substitui essa engrenagem interna por recompensas e punições extrínsecas (manutenção de bolsas, conceitos de programas, prestígio burocrático), o sentido do labor científico desmorona, restando apenas o esgotamento (SGUISSARD, 2010; ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014).

Paradoxalmente, o próprio sistema de estratificação do conhecimento (como as classificações Qualis) cria uma hierarquia do orgulho que aprisiona o pesquisador. A busca pelo topo dessa pirâmide métrica funciona como um mecanismo de compensação psicológica: o cientista busca nos estratos mais elevados o reconhecimento e a validação de seus pares que a rotina institucional massificada lhe nega. A publicação bem-sucedida atua, assim, como um analgésico temporário em uma estrutura cronicamente desgastante.

4.2 OS PILARES DA SUSTENTAÇÃO EXISTENCIAL DO PESQUISADOR

Se as métricas e a burocracia do fomento falham em nutrir o espírito da comunidade acadêmica, quais são as forças conceituais que sustentam a sanidade e a vitalidade do pesquisador? A literatura nos aponta três pilares de resistência:

1. A Integralidade da Saúde como Infraestrutura Cognitiva: O trabalho intelectual exige um amálgama indissociável entre corpo são e mente resiliente. O adoecimento físico e mental crônico, derivado da sobrecarga de prazos e disputas por vaidade, sabota diretamente a capacidade de gerar conhecimento original (ZANDONÁ; CABRAL; SULZBACH, 2014; VOSGERAU; ORLANDO; MEYER, 2017). A saúde, portanto, não é um subproduto do sucesso, mas a sua pré-condição básica.
2. A Territorialidade Segura e a Concentração Intelectual: O sentimento de segurança no ambiente de vivência e trabalho afeta a tranquilidade necessária para o pensamento profundo. Como a rotina acadêmica frequentemente demanda jornadas extenuantes que avançam períodos noturnos em laboratórios e gabinetes, o medo da violência urbana atua como um sabotador invisível da concentração (NERY, 2014). A paz territorial é o solo onde a ciência germina.
3. A Ecologia da Confiança contra a Competição Predatória: A ciência contemporânea é uma construção social e coletiva; ela rejeita o isolamento e exige a coautoria. Onde impera a desconfiança mútua e o produtivismo predatório, o ambiente adocece. Em contrapartida, quando as relações interpessoais são baseadas na confiança e na reciprocidade, cria-se uma rede de amparo ético que potencializa o florescimento humano (FREY; STUTZER, 2000).

4.3 O ALTRUÍSMO CIENTÍFICO: O IMPACTO SOCIAL COMO COMBUSTÍVEL DO ESPÍRITO

Por fim, a variável conceitual de maior peso para a emancipação e felicidade na vida acadêmica é a percepção de impacto social. O cientista e o educador são, por definição, movidos pela busca de sentido. Quando a comunidade acadêmica percebe que o resultado de suas reflexões, teses e patentes possui a força latente de transformar a realidade social, econômica e tecnológica de uma comunidade, ocorre uma virada existencial (FAVA-DE-MORAES, 2000).

O verdadeiro combustível da atividade acadêmica reside na certeza de estar devolvendo à sociedade civil soluções concretas para suas dores mais profundas. Destituir a pesquisa de seu caráter humanitário e social e reduzi-la a um emaranhado de tabelas estatísticas e relatórios de produtividade é a receita exata para a alienação e para o colapso do capital humano que move o desenvolvimento de uma nação. A universidade só reencontra sua felicidade quando se reencontra com o seu propósito social.

CAPÍTULO 5: POR UMA CIÊNCIA COM SENTIDO: O FUTURO DA VIDA ACADÊMICA

A investigação teórica sobre a interface entre a Economia da Felicidade e a estrutura produtiva das Instituições de Ensino Superior nos conduz a um diagnóstico urgente sobre a ecologia humana que sustenta a ciência. Longe de ser uma preocupação meramente subjetiva ou um capricho humanitário, o bem-estar de docentes e pós-graduandos revela-se o pilar invisível sobre o qual se ergue todo o potencial de desenvolvimento socioeconômico e tecnológico de uma nação. Quando a mente do cientista adoece, o avanço do conhecimento estagna.

As reflexões construídas ao longo desta obra expõem que a felicidade no ecossistema universitário depende imensamente mais de aspectos subjetivos e do senso de propósito do que do mero cumprimento de metas quantitativas de publicação. O volume bruto de artigos e o número de orientações isoladas não são os reais modeladores do contentamento no front acadêmico. Em contrapartida, a percepção de que o trabalho desenvolvido gera um impacto real na sociedade emerge como a verdadeira força motriz do bem-estar intelectual.

Essa constatação resgata a própria ontologia das Instituições de Ensino Superior. A destinação de recursos públicos para as universidades carrega consigo um contrato social implícito: a expectativa de que a ciência e a extensão devolvam contribuições concretas à comunidade, seja inovando em produtos e serviços, seja capacitando cidadãos para alavancar a produtividade e garantir a sustentabilidade regional. O combustível existencial da comunidade acadêmica, portanto, reside no altruísmo científico. O pesquisador e o educador alcançam a plenitude quando percebem que suas reflexões transcendem as barreiras dos indexadores burocráticos para transformar a realidade material e social da população.

5.1 HORIZONTES E RECOMENDAÇÕES PARA O ECOSSISTEMA CIENTÍFICO

Para que a universidade não se converta definitivamente em uma engrenagem de alienação e preserve o seu capital humano, faz-se necessária uma revisão profunda nas políticas institucionais de avaliação e na gestão do cotidiano acadêmico. Propõem-se, assim, três eixos de transformação teórica e prática:

A Mutação dos Incentivos de Fomento: É fundamental que as agências de avaliação e financiamento no Brasil lancem mão de incentivos que premiem o resultado diretamente social, econômico ou ambiental das pesquisas, e não apenas o volume de páginas publicadas. Ao centralizar o fomento no impacto real, o sistema permite que os acadêmicos experimentem maior satisfação intrínseca e que a sociedade civil perceba com clareza o retorno dos impostos investidos na ciência.

A Infraestrutura da Saúde nos Programas de Pós-Graduação: Sendo o órgão de maior proximidade com a rotina dos pesquisadores, os programas de pós-graduação precisam assumir o papel de promotores da saúde física e psicológica de seu corpo docente e discente. A atividade intelectual de alto nível é indissociável de uma mente resiliente; tratar o esgotamento como um problema individual, e não como uma falha sistêmica da cultura produtivista, é comprometer o próprio desempenho científico institucional.

A Territorialidade e a Paz Coletiva: Por se tratar de um labor intelectual, a produção científica frequentemente rompe os limites do horário comercial, exigindo jornadas flexíveis que avançam madrugadas adentro em gabinetes e laboratórios. Essa natureza fluida demanda, obrigatoriamente, um ambiente seguro. A sensação de segurança é um requisito básico para a concentração e para a paz de espírito do pesquisador. Cabe às instituições de ensino superior articular parcerias robustas com órgãos de segurança pública para garantir que seus campi sejam espaços de tranquilidade e acolhimento territorial.

A matriz apresentada na figura a seguir sintetiza os quatro pilares fundamentais discutidos no livro que geram o verdadeiro bem-estar sustentável e a produtividade genuína no ambiente acadêmico.



FIGURA 3: MATRIZ DO ECOSSISTEMA DE SUSTENTAÇÃO DO PESQUISADOR
 Fonte: elaborado pelos autores.

5.2 AGENDA PARA FUTURAS REFLEXÕES TEÓRICAS

O campo da Economia da Felicidade aplicada à academia permanece aberto e desafiador. Para futuras investigações conceituais, sugere-se a adoção de lentes longitudinais que acompanhem o ciclo de vida dos pesquisadores ao longo do tempo, incorporando também a percepção de seus núcleos familiares, sociais e profissionais — uma vez que a autopercepção de bem-estar é intrinsecamente comparativa e moldada pelo entorno do indivíduo.

Por fim, a compreensão do florescimento humano na universidade deve expandir-se para além dos muros do trabalho. Elementos de ordem pessoal e cultural, tais como a vivência da espiritualidade, a prática regular de atividades esportivas e a manutenção de hábitos saudáveis de lazer, precisam ser integrados aos modelos teóricos de satisfação. Afinal, antes de ser um vetor de produção de conhecimento ou uma métrica no Currículo Lattes, o cientista é um ser humano integral, cuja felicidade coletiva dita o ritmo do progresso de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, F. Onda de homicídios faz Viçosa atingir número recorde em 2017. **G1**, Viçosa, 28 ago. 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/onda-de-homicidios-faz-vicosa-atingir-numero-recorde-em-2017.ghtml>>. Acesso em 15 fev. 2018.
- ALCADIPANI, R. Academia e a Fábrica de Sardinhas. **Organizações & Sociedades**, v.18, n.57, p.345-348, 2011.
- AYDOS, L.R.; NETO, L.F.F.; TEIXEIRA, W.M. Análise dos determinantes do nível de felicidade subjetiva: uma abordagem local. **Interações**, v.18, n.1, p.137-150, 2017.
- BRUNI, A.L. **Estatística aplicada à gestão empresarial**. São Paulo: Atlas, 2007.
- CAMPETTI, P.H. de M.; ALVES, T.W. Economia da Felicidade: estudo empírico sobre os determinantes da felicidade em países selecionados da América Latina. **Pesquisa & Debate**, vol.26, n.1 (47), p.99-123, 2015.
- CARVALHO, M.B. de; GONÇALVES, C.A.; PARDINI, D.J. A Felicidade em Foco – Mensurando Conceito Metafísico para Estratégia Governamental e Recomendações Organizacionais. **Rev. Adm. UFSM**, v.3, n.2, p.269-287, 2010.
- COLETA, J.A.D.; LOPES, J.E.F.; COLETA, M.F.D. Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas, em grupos de estudantes universitários. **Psico-USF**, v.17, n.1, p.129-139, 2012.
- COMO, M. Do Happier People Make More Money? An Empirical Study of the Effect of a Person's Happiness on Their Income. **The Park Place Economist**, v.XIX, p.10-17, 2011.
- CORBI, R.B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v.26, n.4 (104), p.518-536, 2016.
- COUTINHO, M.R. de C.P. **A felicidade no trabalho: implicações no valor da empresa e no indivíduo**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Instituto Superior de Gestão, Lisboa, 2014.
- CRESPO, R.F.; MESURADO, B. Happiness Economics, Eudaimonia and Positive Psychology: From Happiness Economics to Flourishing Economics. **Journal of Happiness Studies**, v.16, n.4, 2015.
- CUNHA, F.J.A. da. **A Influência Da Felicidade Na Performance/Produtividade**. 2015. 209 f. Dissertação (Mestrado em Gestão) – Universidade Atlântica, Barcarena, 2015.
- DIAS FILHO, J.M.; CORRAR, L.J. Regressão Logística. In: CORRAR, L.J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J.M., (Orgs). **Análise Multivariada: para os Cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. São Paulo: Atlas, p.280-323, 2007.

DOMINGUES, E. Autoria em tempos de “produtivismo acadêmico”. [Editorial]. **Psicologia em Estudo**, v.18, n.2, p.195-198, 2013.

FAVA-DE-MORAES, F. Universidade, Inovação e Impacto Socioeconômico. **São Paulo em Perspectiva**, 14 (3), 2000.

FÁVERO, L.P. **Análise de Dados**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

FERRER-I-CARBONELL, A. Happiness economics. **SERIEs**, v.4, p.35-60, 2013.

FREITAS, M.E. de. O Pesquisador hoje: entre o artesanato intelectual e a produção em série. **Cad. EBAPE.BR**, v.9, n.4, Rio de Janeiro, 2011.

FREY, B.S.; STUTZER, A. Happiness, Economy and Institutions. **The Economic Journal**, 110 (466, October), p.918-938, 2000.

GILEAD, T. Rosseau, Happiness, and the Economic Approach to Education. **Educational Theory**, vol.62, n.3, 2012.

GOEBEL, M.A.; MIURA, M.N. A universidade como fator de desenvolvimento: o caso do município de Toledo-PR. **Revista Expectativa**, v.3, n.3, 2004.

GRAHAM, C. **Measuring quality of life in Latin America: what happiness research can (and cannot) contribute**. Inter-American Development Bank Research Department, Working Paper 652, 2008.

GREVE, B. **Felicidade**. 1 ed – São Paulo: Editora Unesp, 2013.

HAJOJ, I; FROTA, C.; LUZ, I. Felicidade, Engajamento e Motivação: Fatores que aumentam a Produtividade. In: XI Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015.

HANCOCK, E.K. Assessing Happiness: How Economic Factors Measure Up. (2013). **Honors Projects**. Paper 123. Disponível em: <http://digitalcommons.iwu.edu/econ_honproj/123>. Acesso em: 19 mai. 2017.

HOSEN, R.; SOLOVEY-HOSEN, D.; STERN, L. Education and capital development: capital as durable personal, social, economic and political influences on the happiness of individuals. **Education**, v.123, n.3, 2003.

LAM, K.J.; LIU, P. Socio-Economic inequalities in happiness in China and U.S. **Soc Indic Res**, 116, p.509-533, 2013.

LIMA, S.V. **Economia e felicidade**: um estudo empírico dos determinantes da felicidade no Brasil. 2007. 93 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2007.

MENDES-DA-SILVA, W. et al. Focusing Illusion in Satisfaction with Life Among College Students Living in Brazil. **RAE**, v.53, n.5, p.430-441, 2013.

MICHALOS, A.C. **Education, Happiness and Wellbeing**. OECD, Working Paper, Roma, 2007.

NERY, P.F. **Economia da Felicidade: implicações para políticas públicas**. Brasília: Núcleo de Estudos e Pesquisas/CONLEG/Senado, outubro 2014 (Texto para Discussão nº 156). Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/textos-para-discussao/td156>>. Acesso em 15 de jun de 2017.

OSWALD, A.J.; PROTO, E.; SGROI, D. Happiness and Productivity. **Journal of Labor Economics**, v.33, n.4, 2015.

PACHECO, R.S. A Agenda da nova gestão pública. In: LOUREIRO, M. R.; ABRUCIO, F. L.; PACHECO, R. S. (Orgs.). **Burocracia e Política no Brasil: desafios para a ordem democrática no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

PATRUS, R.; DANTAS, D.C.; SHIGAKI, H.B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação *stricto sensu*: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cad. EBAPE.BR**, v.13, n.1, Rio de Janeiro, 2015.

PINK, D.H. **Drive: the surprising truth about what motivates us**. Riverhead Books, New York, 2009.

PPO-UFV. **Corpo Docente**. Disponível em: <<https://www.dti.ufv.br/relatorioufv/tabela44.asp>>. Acesso em 14 de jun. 2017.

RODRIGUES, D.M.; PEREIRA, C.A.A. A percepção de controle como fonte de bem-estar. **ESTUDOS E PESQUISAS EM PSICOLOGIA**, v.7, n.3, p.541-556, 2007.

RODRIGUES, L.O.C. PUBLICAR MAIS, OU MELHOR? O TAMANDUÁ OLÍMPICO. **PSICOLOGIA USP**, São Paulo, 22(2), p.457-472, 2011.

RODRIGUES, O.A.; SHIKIDA, P.F.A. Economia e Felicidade: elementos teóricos e evidências empíricas. **Pesquisa & Debate**, v.16, n.1 (27), p.80-120, 2005.

SCALCO, D.L., ARAÚJO, C.L.; BASTOS, J.L. Autopercepção de Felicidade e Fatores Associados em Adultos de uma Cidade do Sul do Brasil: Estudo de Base Populacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 24 (4), p.648-657, 2011.

SEABRA, S.N. A nova administração pública e mudanças organizacionais. **RAP**, v.35, n.4, p.19-43, 2001.

SGROI, D. Happiness and Productivity: Understanding the Happy-Productive Worker. **SMF-CAGE Global Perspectives Series**, 2015.

VOSGERAU, D.S.R.; ORLANDO, E. de A.; MEYER, P. Produtivismo Acadêmico e suas Repercussões no Desenvolvimento Profissional de Professores Universitários. **Educ. Soc.**, v.38, n.138, 2017.

YUAN, H.; GOLPELWAR, M. Testing Subjective Well-Being from the Perspective of Social Quality: Quantile Regression Evidence from Shanghai, China. **Soc Indic Res**, v.113, p.257-276, 2013.

ZANDONÁ, C.; CABRAL, F.B.; SULZBACH, C.C. Produtivismo Acadêmico, Prazer e Sofrimento: Um Estudo Bibliográfico. **PERSPECTIVA**, v.38, n.144, p.121-130, 2014.

ZUCCO, V. **Economia da felicidade: evidências e propostas teóricas**. 2015. 54 f. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.